

## ENCICLOPÉDIA DISCURSIVA DA COVID-19: BALANÇO E PERSPECTIVAS

COVID-19 DISCURSIVE ENCYCLOPEDIA: ANALYSIS AND PERSPECTIVES

Fernanda Castelano Rodrigues<sup>1</sup>

Roberto Leiser Baronas<sup>2</sup>

**RESUMO:** Neste artigo, apresentamos o processo de produção da Enciclopédia Discursiva da COVID-19, projeto de extensão vinculado ao Departamento de Letras da UFSCar, iniciativa da equipe de Curadoria Linguística do InformaSUS-UFSCar, que reúne verbetes elaborados por discursivistas filiados/as a distintas instituições brasileiras. Trata-se de uma plataforma dialógica e colaborativa que busca apreender os diferentes sentidos que circulam nos termos, expressões e construções discursivas sobre a pandemia da COVID-19, possibilitando aos leitores uma visão mais crítica da realidade. Ao longo do segundo semestre de 2020, foram publicados catorze verbetes que buscam evidenciar a guerra discursiva pela tomada polêmica dos termos que dizem a pandemia da COVID-19 no Brasil. Diferentemente de outros trabalhos existentes no contexto brasileiro contemporâneo que também buscam descrever os termos que irromperam com a pandemia, a Enciclopédia Discursiva da COVID-19, partindo de uma concepção de linguagem que não reduz os termos vinculados à realidade vivida e experimentada a uma simples nomenclatura, advoga que a linguagem não apenas retrata, mas, sobretudo, refrata a realidade por meio de diferentes posicionamentos ideológicos, fundados num imaginário social, desencadeando divergentes “gestos de interpretação” (Orlandi, 1999) que “metaforizam” (Orlandi, 2020) e “narrativizam” este acontecimento real que é a pandemia.

**Palavras-chave:** Discurso; Enciclopédia; COVID-19; Pandemia; Gestos de Interpretação.

**ABSTRACT:** In this article we present the production process of the COVID-19 Discursive Encyclopedia, an extension project linked to UFSCar’s Language and Literature Department, an initiative of the InformaSUS-UFSCar Linguistic Curatorship team, which gathers entries elaborated by discursivists affiliated with different Brazilian institutions. It is a dialogical and collaborative platform that seeks to apprehend the different meanings that circulate in the terms, expressions and discursive constructions about the COVID-19 pandemic, allowing readers a more critical view of reality. During the second semester of 2020, there was the publication of fourteen entries that seek to highlight the discursive war for the controversial take on terms that talk about the COVID-19 pandemic in Brazil. Unlike other works in the contemporary Brazilian context that also seek to describe the terms that emerged with the pandemic, the COVID-19 Discursive Encyclopedia, coming from a conception of language that does not reduce the terms linked to the reality lived and experienced to a simple nomenclature, advocates that language not only portrays, but, above all, refracts reality through different ideological positions, founded on a social imaginary, triggering divergent “gestures of interpretation” (Orlandi, 1999) that “metaphorize” (Orlandi, 2020) and “narrativize” this real event, which is the pandemic.

**Keywords:** Discourse; Encyclopedia; COVID-19; Pandemic; Gestures of Interpretation.

1 Doutora em Letras. Professora no Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e no Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-americana da Universidade de São Paulo (USP). E-mail: fscr@ufscar.br.

2 Doutor em Linguística. Professor no Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e no Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCar. E-mail: baronas@ufscar.br.

## PALAVRAS INICIAIS

A *Enciclopédia Discursiva da COVID-19*, atividade de extensão vinculada ao Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos (DL/UFSCar), nasceu da experiência e do intercâmbio de conhecimentos e saberes envolvidos no processo de construção da plataforma multimídia do InformaSUS-UFSCar que, por sua vez, tem como um de seus principais objetivos ser um potencial agente de produção e circulação de informações que disseminam a Ciência e, conseqüentemente, combatem as *fake news*.<sup>3</sup>

Desde o início de sua existência, o InformaSUS-UFSCar incorporou em sua equipe, tanto na produção de seu portal quanto em suas redes sociais, uma Curadoria Linguística, que conta com a participação de docentes, estudantes e profissionais das áreas de Letras e Linguística. A relevância dada pelo projeto a esse tipo de articulação entre comunicação social e linguagem parte da compreensão de que a organização e a divulgação de informações de qualidade científica, que pretende oferecer acesso à comunidade universitária e à população geral, precisa considerar como imprescindível o adequado tratamento linguístico de todos os textos publicados.

A importância do tratamento adequado aplicado a esses textos visa, sobretudo, questionar a relação de oposição estabelecida entre a produção científica e sua ampla circulação para variados públicos. O InformaSUS-UFSCar objetiva, especificamente com o trabalho da Curadoria Linguística, romper com as barreiras de comunicação, viabilizando as informações cientificamente relevantes por meio da linguagem acessível, mais abrangente e objetiva, concretizando, assim, o diálogo entre ciência, linguagem e público.

Além disso, as tarefas da Curadoria Linguística preveem que o grupo realize a revisão linguística dos conteúdos a serem publicados, integrando-se, portanto, no fluxo de publicação previsto pela coordenação do projeto. Se considerarmos, por exemplo, que as *fake news* demonstram a regularidade da existência de certas características linguísticas relacionadas a sua condição de legibilidade (MONTEIRO, 2018; TANDOC JR., 2018; SANTOS, 2020; entre outros) e o uso frequente de formas linguísticas incorretas do ponto de vista normativo<sup>4</sup>, podemos inferir que a detecção destas características pode contribuir com a identificação de informações inverídicas ou notícias falsas que circulem na mídia e nas redes sociais.

A primeira equipe formada, composta com sete estudantes do curso de Letras da UFSCar e coordenada por uma docente, aceitou o desafio de se incorporar à plataforma InformaSUS-UFSCar pensando principalmente em encontrar uma forma de se sentir social e politicamente útil, participando diretamente de uma iniciativa que pudesse ter impacto social, naquele momento da chegada do vírus da COVID-19 ao Brasil, a declaração de estado de pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS), a interrupção das atividades presenciais e o início do distanciamento social.

A inevitável imersão dos sujeitos brasileiros nas disputas pelas narrativas em torno da COVID-19, aliada à desinformação e à proliferação desmesurada de notícias falsas pelo país, foram a força motriz para que, em algumas poucas semanas, a

3 Não sem razão, *“fake news”* é um dos verbetes da Enciclopédia Discursiva da COVID-19, disponível em <https://www.informasus.ufscar.br/fake-news/>, acesso em 10 de fevereiro de 2021.

4 Segundo reportagem da Revista FAPESP: “Uma das características mais marcantes das *fake news*, por exemplo, é a presença de erros – 36% dos textos falsos trazem algum erro ortográfico, ante 3% das notícias verdadeiras” (SASAKI, 2018).

equipe de Curadoria Linguística se desse conta de que havia diferentes formatos de contribuição do âmbito do campo das ciências da linguagem e o discurso no contexto da pandemia. Assim surgiu a iniciativa para o desenvolvimento da *Enciclopédia Discursiva da COVID-19*, reforçada pelo ideal compartilhado com o InformaSUS-UFSCar de debater e tornar visíveis para o público em geral e com uma linguagem acessível, as disputas que ocorrem em torno dos sentidos que dizem a pandemia.

Sua realização, enquanto proposta transdisciplinar, envolveu diferentes áreas do conhecimento e, durante a execução da primeira etapa do projeto, entre junho e dezembro de 2020, contou com a participação de vinte e três pessoas, entre docentes e estudantes de graduação e pós-graduação da UFSCar e de outras instituições brasileiras. Tomaram-se como arquivo de análise gêneros discursivos discordantes que circularam nos portais de notícias R7, G1, CNN Brasil, Estadão e Folha de S. Paulo, no portal Agência Fapesp e no próprio InformaSUS-UFSCar. Foram publicados nessa etapa catorze verbetes<sup>5</sup> que buscam evidenciar a intensa luta pela tomada polêmica da produção e circulação dos discursos que dizem a pandemia da COVID-19 no Brasil.

Podemos dizer, nesse sentido, que a *Enciclopédia Discursiva da COVID-19* foi a reação possível, diante do desconhecido, de parte do grupo de pessoas que se envolveu em sua produção; uma tentativa de expor os diversos aspectos de um acontecimento como a pandemia, inclusive os linguísticos e discursivos que têm também sua relevância. O objetivo do projeto não era conter, mas expor, escancarar os sentidos da pandemia. Movidos também enquanto sujeitos que vivenciam este trágico marco histórico, a equipe se encontrou diante da necessidade de procurar, senão respostas, pelo menos subterfúgios que permitissem acreditar que os estudos da linguagem e, em particular, os do discurso têm muitas contribuições a dar neste contexto distópico.

## CONDIÇÕES DE EMERGÊNCIA DA ENCICLOPÉDIA

Se dermos uma olhada no retrovisor da história, constataremos que desde a OMS decretou, em março de 2020, o estado de pandemia global, a COVID-19 se transformou não apenas numa crise sanitária, com um sem número de deletérias implicações sociais, psicológicas, educacionais, econômicas, a população mundial, mas num verdadeiro *acontecimento discursivo*: uma arena discursiva em que são disputadas cotidianamente as mais variadas interpretações sobre esse fato histórico, “no ponto de encontro de uma atualidade e uma memória” (PÊCHEUX, 1997, p. 17).

No que tange a essa verdadeira profusão de interpretações acerca da pandemia, que *contamina todos os sentidos*, nos diz Orlandi:

A circulação de linguagem, nas condições de produção dos discursos que vivemos nesta conjuntura, se tingem das cores da pandemia, se espalha. Para usar uma palavra própria ao acontecimento discursivo que vivemos: “contamina” todos os sentidos. Casa vira “abrigo”, lugar seguro; o trabalho em casa, vira funcionalmente “home office”, compra de supermercado é “delivery” majoritariamente; como significar, efetivamente, o que é “aglomeração”? A partir de que número, de que situação? Funcionários da saúde, só neste momento, viram

5 Todos os verbetes já publicados na Enciclopédia Discursiva da COVID-19 podem ser consultados no link <https://www.informasus.ufscar.br/enciclopedia-discursiva-da-covid-19/>.

“heróis”. Antes não eram, mesmo que pensemos as condições do sistema de saúde no Brasil. “Vulnerabilidade” substitui a pobreza, mas não só. Quando se trata da covid19 ou se tem os “infectados” ou os que estão em “recuperação” ou os “mortos”. E são x casos “registrados”. Suspeita nas palavras. Os números não fecham, mas estas categorias se mantêm como se, na sua manutenção, estivesse o controle do sistema de saúde. E das vidas. A palavra “solidariedade” sai para a rua. E, em falta de tratamento adequado ou de vacina, vivemos em “isolamento social”. Às vezes declinado como “distanciamento social”. Não era isolamento social a situação em que vive a maioria da população em suas “comunidades”? O que é efetivamente “isolamento social”? Distanciamento? *De um lado, dificuldade de nomeação, de outro, o excesso de palavras disponíveis. Na dificuldade de nomeação, tudo se veste de nome e de sentido, metaforizando-se, como efeito da pandemia.* Sabemos, no entanto, que os sentidos não estão nas palavras, mas nas relações que se estabelecem. E não é do mesmo sentido que se revestem as interpretações quando na “#fique em casa” temos como intérpretes os idosos, os jovens, os bolsonaristas, ou os empresários, os comerciantes, ou os “vulneráveis”, ou seja, os que estão abaixo do nível da pobreza. Essa # nos devolve um ponto crítico do capitalismo: a relação capital/trabalho. Diferentes sentidos, diferentes interesses, diferentes posições-sujeito, diferentes formações discursivas, sob o sentido dominante de pandemia (ORLANDI, 2020, grifos nossos).

Nessa sua asserção, que, no nosso entendimento, se apresenta como um verdadeiro programa de pesquisa para as humanidades, entre outras questões muito pertinentes e relevantes, Orlandi nos chama a atenção para o fato de que a pandemia, enquanto acontecimento discursivo, funciona como um processo discursivo ambíguo no qual, por um lado, há um verdadeiro transbordamento de discursos, em que *tudo se veste de nome e de sentidos*, e, por outro lado, há uma dificuldade muito grande de nomear como esse acontecimento discursivo que vem se constituindo ao longo de sua curta história, especialmente, se levarmos em conta uma nomeação que busque, mesmo que imaginariamente, ser mais fiel à realidade: dizer *efetivamente o que é e o que estaria acontecendo*, aplacando a *suspeita nas palavras* que dizem a pandemia.

Nessa busca imaginária por uma nomeação colada ao real, ou por essa necessidade universal de um mundo “semanticamente normal” (PÊCHEUX, 1997, p. 34), que tente conter de alguma maneira o transbordamento, o excesso dos sentidos, isto é, a sua *metaforização*, surgem, por exemplo, propostas de elaboração de “máquinas-de-saber”<sup>6</sup> investigadas pelos mais distintos atores sociais e institucionais, isto é, glossários, dicionários e vocabulários sobre a COVID-19 e a pandemia. Esses elucidários, comparáveis a diques semânticos, têm na nossa sociedade, entre outros, um funcionamento discursivo que tenta conter a profusão, o derramamento dos sentidos.

Uma busca simples pela expressão “Glossário da COVID-19” na web, reitera a magnitude da pandemia, se considerarmos quantitativamente o elevado grau de ocorrências. Certamente, nem todas fazem referência especificamente a esse elucidário denominado “glossário”, todavia, há sim na web muitos trabalhos sobre esse *instrumento linguístico*.<sup>7</sup>

6 Sobre a questão das “máquinas-de-saber”, conferir os trabalhos acerca das “artes de memória”, especialmente Yate, 1966.

7 Por “instrumentos linguísticos” entende-se o que Sylvain Aurox concebeu como “pilares do nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário” (1992: 65). O conceito pode se estender a outros tipos de trabalhos que se dedicam à organização da língua, como glossários e livros didáticos.

Para além de uma investigação pela nomeação mais fidedigna da realidade, uma boa hipótese para explicar essa abundância de trabalhos, nos parece que tem a ver com uma busca, mesmo que imaginária, da sociedade para dominar esse vírus tão desconhecido quanto letal que é o SARS-Cov-2. Trata-se de uma tentativa de encontrar alguma resposta no âmbito da linguagem, para os diversos sentimentos provocados pelo novo coronavírus, como medo, ansiedade, desesperança etc.

Em artigo intitulado “Resposta ao medo”, decorrente da *live* apresentada em maio de 2020<sup>8</sup> no âmbito do projeto de extensão “Discurso em Tempos de Pandemia – Fase I”, e depois publicado na revista *Linguasagem*,<sup>9</sup> o discursivista francês Dominique Maingueneau nos chama a atenção para o importante papel dos números na gestão da pandemia. Segundo ele,

os números e o que os tornam possíveis (tabelas, mapas, gráficos, curvas...) são a evidência de um remédio contra a angústia: eles transformam o irrepresentável em representável, eles se fecham nas grades. Se o vírus pode ser visto pelo microscópio eletrônico, a pandemia enquanto pandemia só existe na verdade enquanto números. Mesmo os profissionais da saúde não têm acesso à pandemia: eles enxergam somente certo número de doentes. Apenas os números e os esquemas permitem inverter a relação de forças. Quando olhamos o mapa do mundo com seus círculos vermelhos, a pandemia não é mais somente essa potência assustadora e invisível, que circula em torno de mim, que me rodeia e me domina, é também alguma coisa que domino. Mobilizo aqui um célebre pensamento de Blaise Pascal: “Por meio do espaço, o universo me compreende e me engole como um ponto: pelo pensamento eu o compreendo”. Poderia transpor esse pensamento na seguinte paráfrase: “A pandemia me compreende e me engole como um ponto: por meio dos números, eu a compreendo”.

Elaborar glossários, dicionários, vocabulários e outros instrumentos linguísticos sobre a COVID-19, tal como realizar representações em números da pandemia, são tentativas de dominar “essa potência assustadora e invisível, que circula em torno de mim, que me rodeia e me domina” (Maingueneau, 2020, p. 11). Trata-se de uma busca que visa a inverter a relação de forças por meio da construção de um saber metalinguístico, que objetiva dar nome ao desconhecido e nesse processo de nomeação, compreensão tentar dominá-lo. Com efeito, roubando a paráfrase do pensamento de Pascal, elaborada por Maingueneau, diremos: “A pandemia me compreende e me engole como um ponto: por meio dos números (e dos glossários, dos vocabulários etc.), eu a compreendo”.

Além disso, todos esses instrumentos linguísticos funcionam também como uma tentativa de devolver à população a confiança na Ciência. Nos últimos anos, especialmente após o golpe de 2016 e o governo ilegítimo de Michel Temer, a ciência brasileira vem sofrendo os mais diferentes tipos de ataque: diminuição drástica nos recursos para a pesquisa e as Universidades, estabelecimento de áreas prioritárias para a pesquisa, ingerência na nomeação de dirigentes para as universidades federais e centros de pesquisa. Esse trágico quadro foi aprofundado com a chegada ao poder de Jair Bolsonaro, que desde o seu mandato vem sistematicamente negando a Ciência e propagando informações falsas ou inverídicas de toda natureza. Suas

8 Essa *live* foi apresentada em 27 mai. 2020 e está disponível no Facebook do LEEDiM-UFSCar (<https://www.facebook.com/leedim.ufscar/>) e também no canal do mesmo laboratório no YouTube (<https://www.youtube.com/channel/UChUWKJRSdkoTSdHrb5JtCMA>).

9 Disponível em <http://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/763/446>, acesso em 10 fev. 2021.

declarações vão da afirmação estapafúrdia de que a COVID-19 é “uma gripezinha”<sup>10</sup> até a de que o uso de EPIs e o distanciamento social não controlam a proliferação do vírus, e suas atitudes enquanto presidentes passam pelo uso de recursos estatais para o incentivo à fabricação em laboratório estatal e para a compra de lotes milionários de medicamentos como a hidroxicloroquina, supostamente para a prevenção e o tratamento da COVID-19. Cumpre destacar que, até o presente momento, não há nenhum tipo de comprovação científica sobre a eficácia desse medicamento no tratamento da doença.

Ainda sobre a questão da confiança na Ciência, em *live* intitulada “Olhares midiáticos sobre uma pandemia: ‘instantes discursivos’ de uma crise sanitária sob o prisma dos números, do risco e da confiança”, apresentada no dia 23 de setembro de 2020<sup>11</sup>, em *live* apresentada no projeto de extensão “Discurso em Tempos de Pandemia – Fase II”, a pesquisadora francesa Sophie Moirand, analisando o contexto de seu país, nos diz o seguinte:

Mais au-delà des politiques, les Français n’ont pas non plus confiance dans la science. S’ils ont confiance dans les hôpitaux, « la science dans son ensemble suscite de fortes réticences [...] : seuls 41% des enquêtés disent qu’elle apporte plus de bien que de mal, 46% autant de bien que de mal et 12% qu’elle est porteuse de plus de mal que de bien », comme le montre l’enquête du Baromètre de la confiance politique (CEVIPOF) reproduit dans le n° 420-421, de la revue *VRS La vie de la recherche scientifique* (...). Si l’on n’a confiance ni dans la science ni dans l’État et dans ses représentants démocratiquement élus, comment s’étonner, en période de crise sanitaire et d’un virus qu’on ne maîtrise pas, que les infox qui circulent deviennent « virales » ? Comment s’étonner des réticences à accepter les mesures prises qui, au nom du confinement, semblent constituer pour l’instant le seul moyen actuel de lutter contre la pandémie ? Comment accepter les entraves à la liberté de circulation, à la vie sociale et les conséquences désastreuses du confinement sur l’économie et sur la vie des plus démunis? (MOIRAND, 2020, p. 14)

Todas as questões colocadas pela pesquisadora francesa, embora relativas à geografia de seu país de origem, ecoam também no Brasil, mesmo que não exatamente da mesma maneira, dado que, salvo melhor juízo, o presidente francês não é um negacionista dos saberes científicos. No entanto, a questão da desconfiança da população em relação à Ciência, no caso brasileiro, é regularmente alimentada pelas declarações negacionistas de Jair Bolsonaro e de integrantes do seu governo. Nesse sentido, nos parece pertinente sustentar a hipótese de que a construção de instrumentos linguísticos como glossários, dicionários, vocabulários etc. é também uma maneira de as instituições acadêmicas tentarem reestabelecer a confiança das pessoas na Ciência. Talvez tenha sido esta uma das maneiras mais rápidas e eficazes de produzir saberes científicos sobre a COVID-19. Essa hipótese se torna mais consistente se levarmos em consideração que, à época da elaboração desses instrumentos linguísticos, nos primeiros seis meses da pandemia, soluções como a produção de um tratamento ou a descoberta de uma vacina, que necessitam de prazos de tempo mais dilatados, eram impossíveis.

10 Algumas das trágicas declarações de Jair Bolsonaro, realizadas nos primeiros meses da pandemia, estão compiladas em texto de Alex Tajra para o portal de notícias UOL. Disponível em <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/05/01/todos-nos-vamos-morrer-um-dia-as-frases-de-bolsonaro-durante-a-pandemia.htm>, acesso em 11 fev. 2021.

11 Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=luEE9FbBBOs>

Entre os muitos instrumentos linguísticos produzidos, chamamos a atenção para o *Glossário da COVID-19*,<sup>12</sup> produzido pelos Blogs de Ciência da UNICAMP,<sup>13</sup> que parece corroborar o que estamos afirmando. Nesse glossário, de autoria institucional, são descritos tecnicamente os seguintes termos, atinentes às ciências da saúde: assintomático; contágio; fibrose; imunidade de rebanho; imunização; imunização cruzada; infecção; período ou fase de incubação; período ou fase infecciosa; período ou fase pré-sintomática; sintomático e trombose. Em sua apresentação, os autores institucionais apresentam a seguinte justificativa para sua elaboração:

Nesses tempos de pandemia, somos bombardeados o tempo todo com informações de várias fontes com diferentes níveis de aprofundamento, e muitas vezes nos deparamos com termos que não conhecíamos antes. Neste sentido, criamos uma seção específica só para falar destes termos que, agora com a COVID-19, lemos diariamente e embora nos acostumemos em nossa rotina, *nem sempre os compreendemos!* (Grifos nossos)

Nomear, compreender e, assim, dominar o desconhecido: uma resposta ao medo, como diria Dominique Maingueneau (2020). Resposta que pode ser o que identifica uma grande parte dos glossários até então elaborados no contexto brasileiro sobre a COVID-19, tais como o *Glossário terminológico da COVID-19*,<sup>14</sup> do Instituto Federal e da Universidade de Brasília, e o *Dicionário da COVID-19*,<sup>15</sup> da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Trata-se de um conjunto de importantes iniciativas que se, por um lado, buscam engendrar certo controle sobre o medo, a angústia, a desesperança, por outro, corroboram a construção de saberes científicos sobre a pandemia.

Diferentemente desses trabalhos, a *Enciclopédia Discursiva da COVID-19*, partindo de uma concepção de linguagem que não reduz os termos vinculados à realidade vivida e experimentada a uma simples nomenclatura, advoga que a linguagem não apenas retrata, mas, sobretudo, refrata a realidade por meio de diferentes posicionamentos ideológicos, fundados num imaginário social, desencadeando divergentes “gestos de interpretação” (Orlandi, 1994). Ademais, em última instância, a *Enciclopédia* não é uma resposta ao medo da COVID-19 e não visa somente a devolver à população a confiança na ciência, mas uma tentativa de mostrar como a construção de sentidos durante a pandemia, considerada como um acontecimento histórico-sanitário, produziu uma verdadeira batalha discursiva, cujos atores sociais autorizados a dizê-la disputam-na fonema a fonema, tecla a tecla.

No que concerne a essa verdadeira guerra discursiva em que se transformou a pandemia, é possível descrever, em relação aos termos que circulam sobre a COVID-19 e que a constroem, dois grandes processos discursivos: a) um processo que “metaforiza” (Orlandi, 2020) a pandemia enquanto guerra, tragédia, catástrofe e; b) outro processo que “narrativiza” a pandemia ora como conspiração chinesa, ora como castigo de Deus, ora como a concretização do ficcional Armageddon. É importante ressaltar, porém, que se trata de dois processos que não são excludentes, ao contrário: em várias situações de enunciação, ambos se misturam.

12 Disponível em <https://www.blogs.unicamp.br/covid-19/glossario/>, acesso em 10 fev. 2021.

13 Esse portal está disponível em <https://www.blogs.unicamp.br/>, acesso em 10 fev. 2021.

14 Disponível em <https://www.ifb.edu.br/brasil/23950-ifb-e-parceiros-lancam-o-glossario-terminologico-da-covid-19>.

15 Disponível em <https://www.ufrgs.br/levi/dicionario-da-covid-19/#page-content>.

Cada termo que circula nesse contexto, no entanto, a partir da inscrição dos sujeitos que os enunciam numa determinada formação discursiva, isto é, a partir de uma determinada posição ideológica, produz sentidos diferentes. Um termo técnico como “hidroxicloroquina”, a depender do posicionamento do sujeito que o enuncia, terá sentidos totalmente diferentes. Para alguém que defende o atual governo negacionista de Jair Bolsonaro, por exemplo, esse termo representa um remédio importante e profilático, cuja utilização deve ser prescrita por médicos na prevenção e no tratamento da COVID-19. Por outro lado, para alguém mais alinhado ao discurso científico, a hidroxicloroquina não deve ser administrada como remédio que previne ou trata a COVID-19, já que não existem evidências científicas que comprovem a sua eficácia.

Dessa maneira, embora os enunciadores se refiram ao mesmo termo “hidroxicloroquina”, eles constroem discursos totalmente diferentes do ponto de vista ideológico. Nesse caso, há um claro embate de sentidos, narrativas e pontos de vista corroborando o que Michel Foucault (1996) nos ensina acerca do discurso, que ele “não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, *mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar*” (1996, p. 19, grifos nossos).

O nosso trabalho com a *Enciclopédia Discursiva da COVID-19* consistiu na busca por mostrar justamente esses embates de sentidos pela gestão do discurso da pandemia, isto é, as diferentes narrativas construídas em torno desse acontecimento, à luz de diferentes pontos de vista ideológicos, engendrados pelos mais diferentes sujeitos. No âmbito social mais amplo, os cidadãos reconhecem estes embates e são partícipes da realidade atual, portanto, a empreitada da *Enciclopédia não está assentada na compreensão restrita de que as ciências linguísticas tem também “algo a dizer”*<sup>16</sup> sobre a pandemia, mas se efetiva, especialmente, como vazão, participação e engajamento da comunidade acadêmica neste momento histórico.

## O PROCESSO DE PRODUÇÃO DOS VERBETES

Para produzir os verbetes selecionados, a coordenação da *Enciclopédia Discursiva da COVID-19*, exercida por dois docentes do Departamento de Letras da UFSCar, constituiu uma equipe com outras vinte e uma pessoas, pesquisadoras e pesquisadores em diferentes estágios de formação (doutores/as, pós-doutorandos/as, doutorandos/as, mestrandos/as e graduandos/as) e diferentes formações acadêmicas, ligados às mais diferentes instituições brasileiras.<sup>17</sup> Entendemos que essa

16 Segundo Marie-Anne Paveau explica em seu texto “*Un objet à tout prix. Peut-on faire science de tout?*”. *La pensée du discours [carnet de recherche]*, de 04 jun. 2020. Disponível em <https://penseedudiscours.hypotheses.org/18223>, acesso em 10 fev. 2021.

17 A *Enciclopédia Discursiva da COVID-19* teve a coordenação dos co-autores deste artigo, Fernanda Castelano Rodrigues e Roberto Leiser Baronas, ambos docentes do Departamento de Letras da UFSCar, e os membros da equipe constituída são: Carlos Alexandre Molina Noccioli (IFSULDEMINAS), Emely Larissa dos Santos (Graduação UEPG), Fernando Curti Gibin (UNIP, Pós-graduação UFSCar), Gleice Moraes de Alcântara (Rede Estadual de Educação MT), Jorcemara Matos Cardoso (Pós-graduação UFSCar), Júlia Lourenço Costa (Pós-doutorado UFSCar), Júlio Antonio Bonatti Santos (Pós-graduação UFSCar), Lafayette Batista Melo (IFPB), Lauro Damasceno (Graduação UFSCar), Lílian Pereira de Carvalho (IFSP, Pós-graduação UFSCar), Lívia Maria Falconi Pires (UNICEP/Pós-doutorado UFSCar), Marco Antônio Almeida Ruiz (Pós-doutorado USP), Mariana Guidetti Rosa (LEEDIM/UFSCar), Mariana Morales da Silva (Pós-graduação UFSCar), Paula Camila Mesti (Unespar), Paula Regina Dal’Evedove (docente UFSCar), Renata de Oliveira Carreon (UEPG, Pós-graduação UFSCar), Robert Moura Sena Gomes (Pós-graduação UFSCar), Sidnay Fernandes dos Santos Silva (UNEB), Tamires Bonani Conti (Pós-graduação UFSCar) e Terezinha Ferreira de Almeida (UFMT).

polifonia de vozes seria fundamental para que a proposta, além de contribuir com o debate sobre a necessidade premente de construção de novas partilhas do discurso acadêmico, conseguisse colocar em prática um dos seus princípios norteadores da proposta, que é a construção de uma enciclopédia dialógica e coletiva.

Constituída a equipe, começamos a árdua tarefa de, por um lado, selecionar os veículos que seriam mobilizados para olhar os discursos sobre a pandemia e, por outro, selecionar os termos ou expressões que comporiam verbetes e que, portanto, seriam alvo de nossas análises. Para tal, realizamos reuniões remotas e nos decidimos por mobilizar os seguintes veículos midiáticos: o portal de notícias R7, o Agência Fapesp e o próprio portal do InformaSUS-UFSCar. A eleição desses suportes se deu em função de eles fazerem circular os discursos sobre a pandemia a partir de diferentes mirantes ideológicos e posicionamentos institucionais.

Em relação à eleição dos verbetes, nossa seleção foi ancorada teórico-metodologicamente na proposta de Moirand (2020) sobre os pequenos *corpora* e em ferramentas do campo da informática. Os critérios para a eleição desses termos não foram construídos somente a partir do número de ocorrências, mas especialmente a partir do procedimento metodológico de *pequenos corpora*. Sobre esse procedimento nos diz Moirand:

Os “pequenos corpora” permitem apreender a instabilidade de uma primeira designação, ver o momento em que várias designações competem, uma fase mais ou menos longa antes de que o nome do acontecimento se estabilize (MOIRAND; REBOUL TOURÉ, 2015). Se os trabalhos sobre os “pequenos corpora” perduram, apesar das facilidades oferecidas pela digitalização e pelos softwares atuais de processamento de dados para coletar e processar “grandes corpora” é porque eles possibilitam descrever as formas discursivas, raras ou não estabilizadas ainda, refletir sobre os conceitos e noções envolvidas nessa análise, bem como sobre as relações entre a linguagem verbal e o mundo (MOIRAND, 2020, p. 21).

A metodologia elaborada por Moirand (2020) nos permitiu apreender o instante mesmo em que os termos competiam entre si antes que eles viessem a se tornar acontecimentos discursivos mais estabilizados. Dito de outro modo, os *pequenos corpora* possibilitaram que flagrássemos os termos no instante mesmo em que eles começaram a disputar pela nomeação do acontecimento. Por conseguinte, o tratamento estatístico das ocorrências não foi determinante para a eleição dos termos, uma vez que as ocorrências evidenciam os acontecimentos já estabilizados.

Num primeiro momento, foram selecionados dez termos ou expressões para compor a lista de verbetes da *Enciclopédia*, são eles: *fique em casa*; *novo normal*; *testar positivo*; *morte por COVID*; *linha de frente*; *achatar a curva*; *cloroquina*; *COVID-19*; *quarentena e vacina*. Com o desenvolvimento do processo de produção, no entanto, surgiu a necessidade de incorporarmos outros verbetes ou, ainda, de alguns dos pré-selecionados se desdobrarem, o que fez com que incorporássemos outros quatro termos: *pandemia*, *isolamento social*, *distanciamento social* e *fake news*.

A equipe foi subdividida em duplas, constituídas sempre por pelo menos um doutor. Cada dupla ficou responsável pela construção da análise e redação de um verbe- te, mas, com o desdobramento dos termos *COVID-19* e *quarentena* e a incorporação de *pandemia*, *isolamento social*, *distanciamento social*, uma dupla produziu dois verbetes e outra, três.

Depois de selecionados os termos e feita sua divisão entre as duplas, o processo de produção contou com momentos de escrita e reescrita que se realizaram em três diferentes etapas: na primeira, cada dupla produziu uma primeira versão de sua análise e a enviou a outra dupla, que tinha a tarefa de realizar uma leitura crítica; após avaliação e revisão do texto inicial a partir das observações da leitura crítica, os autores apresentavam uma segunda versão do verbete à totalidade da equipe, em reunião semanal virtual na qual se debatia o conteúdo das análises e se realizavam comentários e sugestões; na terceira e última etapa do processo, uma terceira versão do texto era enviada à coordenadora, que tinha como principal tarefa fazer o trabalho de edição para adequar plenamente o verbete para publicação na plataforma.

Essa metodologia dialógica e participativa com a qual foi executado o processo de produção possibilitou que todas as pessoas da equipe se sentissem implicadas não apenas na escrita de seu verbete, ou seja, enquanto autoras, mas como parte integrante do conjunto de todo o projeto. Ademais, os encontros e discussões que aconteceram em torno dos verbetes foram muito produtivos para a revisão de conceitos teóricos relacionados ao campo da Análise de Discurso, mobilizados nos textos, e para a discussão sobre questões formais envolvidas na escrita de divulgação científica. De fato, este foi o maior desafio que a equipe encontrou ao longo dos meses de trabalho: escrever os verbetes utilizando uma linguagem simples, sem tecnicismos nem jargões da área, compatível com objetivo de disseminar, para o público em geral, o conhecimento científico produzido na Universidade.

## DESDOBRAMENTOS E REPERCUSSÃO DA PUBLICAÇÃO

Os catorze verbetes da *Enciclopédia Discursiva da COVID-19* foram publicados um a um semanalmente, entre 02 de outubro e 12 de dezembro de 2020. Eventualmente, tivemos a publicação de dois verbetes numa mesma semana.

De acordo com os dados obtidos por meio do *Google Analytics*, a página da *Enciclopédia* hospedada no portal InformaSUS-UFSCar teve 4.221 visualizações do dia em que entrou no ar, em outubro, até 10 de fevereiro de 2021.

Para potencializar a divulgação e tentar alcançar um público mais amplo, após a publicação da versão final dos textos escritos, os verbetes foram apresentados em *lives* promovidas pela equipe do projeto com o apoio da plataforma InformaSUS-UFSCar. Ao todo, foram realizadas onze *lives*, com duração média de uma hora, transmitidas tanto pelo canal do InformaSUS-UFSCar no YouTube quanto pela página do Facebook do projeto<sup>18</sup>. Graças à colaboração da SeTILS-UFSCar para a interpretação em Libras, foi possível promover a acessibilidade da comunidade surda brasileira ao conteúdo apresentado.

O formato das *lives* variou entre cada uma, mas todas tiveram em comum a apresentação, por sua dupla de autores, do verbete publicado na semana e a interlocução da dupla de leitores críticos que participou da primeira etapa do processo de produção dos textos.

Segundo a métrica fornecida pelas plataformas em que estão disponíveis, as onze *lives* alcançaram 1.282 visualizações no YouTube e 1.063 no Facebook desde o momento em que foram ao ar até o dia 10 de fevereiro de 2021.

18 Todas lives estão disponíveis no canal do YouTube do InformaSUS-UFSCar: <https://www.youtube.com/c/InformaSUSUFSCar/videos>.

A equipe também foi convidada a participar da série de podcasts *Quarentena*, produzida pelo Laboratório Aberto de Interatividade (LABI) da UFSCar. Nos episódios dos dias 223 e 265, foi possível apresentar o projeto da *Enciclopédia* e alguns dos verbetes publicados.<sup>19</sup>

Outro importante desdobramento do trabalho da equipe da *Enciclopédia* que, por um lado, contribui para ampliar o alcance do projeto e, por outro, possibilita avaliar sua recepção e repercussão na comunidade científica é a apresentação em eventos acadêmicos. Em novembro de 2020, quatro membros da equipe apresentaram o trabalho intitulado “COVID-19 discursive encyclopedia” no *Open DiscourseNet Seminar, London*, organizado pela International Association for Discourse Studies.<sup>20</sup> No mesmo mês, uma das coordenadoras apresentou o trabalho “*Enciclopédia Discursiva da COVID-19: combate à pandemia da desinformação e do negacionismo no Brasil*” na atividade de extensão *Discurso em tempos de pandemia – Fase II*, promovida pela LEEDIM/UFSCar.<sup>21</sup> Em dezembro, membros da equipe apresentaram quatro e-pôsteres no XXXV ENANPOLL – Encontro Nacional da ANPOLL, nos quais se apresentava a *Enciclopédia* de modo geral e também se demonstravam análises específicas de alguns dos verbetes publicados.

Em palestra de abertura realizada por ocasião do XIII Encontro de Iniciação Científica da UNIFRAN,<sup>22</sup> realizado virtualmente em 26 de novembro passado, um dos coordenadores do projeto apresentou a *Enciclopédia Discursiva da COVID-19* como uma possibilidade concreta de um trabalho científico interdisciplinar, de mistura mesmo, no âmbito das ciências da linguagem, que coloca em xeque a atual política do Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação – MCT&I em priorizar determinadas áreas do conhecimento para o investimento em pesquisa.<sup>23</sup>

Em todas as participações para apresentação e divulgação da *Enciclopédia Discursiva da COVID-19* o projeto se mostrou de interesse do público, denotando tanto sua pertinência quanto sua relevância para alcançar os objetivos a que se propôs.

## PERSPECTIVAS

Finalizada, em dezembro de 2020, a primeira etapa planejada para a execução da *Enciclopédia Discursiva da COVID-19* enquanto atividade de extensão, alguns movimentos que pretendem consolidar o princípio colaborativo que sustenta o projeto estão sendo realizados.

Algumas parcerias com grupos de pesquisa estão sendo discutidas, o que nos permitirá dar continuidade à produção de verbetes a partir de conhecimentos específicos como o da perspectiva de gênero.

Ademais, planejamos também intensificar a colaboração de diferentes atores sociais na ampliação dos conteúdos dos verbetes, uma vez que há o entendimento consensual entre os membros atuais da equipe de que as pessoas mais afetadas socialmente pela pandemia, como mulheres, entregadores, profissionais da saúde,

19 Toda a série *Quarentena* está disponível na página web <http://www.labi.ufscar.br/category/quarentena/>.

20 A apresentação, realizada por Júlia Lourenço Costa, Júlio Antonio Bonatti Santos, Lílian Pereira de Carvalho e Mariana Morales da Silva está disponível no canal do YouTube do LEEDiM/UFSCar em <https://www.youtube.com/watch?v=2eMLA5oBvBw>.

21 Esta apresentação, realizada por Fernanda Castelan Rodrigues, também está disponível no canal do YouTube do LEEDiM/UFSCar em <https://www.youtube.com/watch?v=kHIPCsjJYIM>.

22 A programação deste evento pode ser conferida em <https://13encontrodeiniciacaoocientifica.wordpress.com/programacao/>

23 A conferência de abertura está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=tTMUeXNPuuQ&t=578s>

entre outros, também podem e devem ser levados em consideração para a definição dos verbetes.

A equipe constituída em 2020 para a realização da *Enciclopédia Discursiva da COVID-19* tem apenas uma certeza: o projeto deve seguir ao longo de 2021. Inclusive porque, considerando a continuidade e o agravamento da pandemia, será preciso fortalecer a reflexão e a disseminação das análises sobre os modos de dizer colocados em circulação nesse contexto, a partir de diferentes perspectivas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUROUX, S. *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad. Eni Orlandi. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Trad. de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MAINGUENEAU, D. Resposta ao medo. Trad. de Roberto Leiser Baronas e Érika de Moraes. *Revista Linguagem*, v. 35, n. 01, 2020. Disponível em <http://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/763>, acesso em 10 de fev. 2021.

MONTEIRO, R. A. et al. Contributions to the study of fake news in Portuguese: New corpus and automatic detection results. *Computational Processing of the Portuguese Language*. p. 324-34, 2018.

MOIRAND, S. A contribuição do pequeno corpus na compreensão dos fatos da atualidade. Trad. de Fernando Curtti Gibin e Julia Lourenço Costa. *Revista Linguagem*, v. 36, n. 01, 2020. Disponível em <http://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/826>

\_\_\_\_\_. “Olhares midiáticos sobre uma pandemia: “instantes discursivos” de uma crise sanitária sob o prisma dos números, do risco e da confiança”, Live apresentada no Projeto de extensão Discurso em Tempos de Pandemia – Fase II em 23 de setembro de 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=luEE9FbBBOs>

ORLANDI, E. *Gestos de leitura: da história ao discurso*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.

\_\_\_\_\_. *Volatilidade da interpretação: política, imaginário e fantasia*. Live apresentada no Abralín ao Vivo em 18 mai. 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=MjCsJxfiXtg>, , acesso em 10 fev. 2021.

PÊCHEUX, M. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni Orlandi. 2ª ed. Campinas, SP: Pontes editores, 1997.

SANTOS, R.L.S. et al. Measuring the Impact of Readability Features in Fake News Detection. *Proceedings of the 12th Language Resources and Evaluation Conference (LREC)*, pp. 1404-1413. Maio, 13-15. Marseille/France. Disponível em <http://www.lrec-conf.org/proceedings/lrec2020/pdf/2020.lrec-1.176.pdf>, acesso em 10 fev. 2021.

SASAKI, F. No combate às fake news. *Revista Pesquisa FAPESP*. FAPESP: São Paulo. Disponível em <https://revistaspesquisa.fapesp.br/no-combate-as-fake-news/>, acesso em 10 fev. 2021.

TANDOC JR., E. C. et al. Defining Fake News. *Digital Journalism*, 6:2, pp. 137-153, 2018. Disponível em <https://doi.org/10.1080/21670811.2017.1360143>, acesso em 10 fev. 2021.

YATE, F. A. *The Art of Memory*. Selected works. Volume III. Londres/Nova Iorque: Routledge, 1966.